

RELIGIÃO E CONVERSÃO NAS LENTES DE RUBEM

ALVES⁴⁰

Leonardo Pereira de Souza

Graduado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Licenciando e pós-graduando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Resumo

Neste artigo, propomos a apresentação do conceito de religião conforme delineado no pensamento teológico de Rubem Alves, bem como a exploração de seu entendimento sobre o processo de conversão. Para tanto, empreenderemos a compreensão da religião a partir da perspectiva do corpo na teologia de Alves, assim como de sua abordagem humanista. Em seguida, delinearíamos as etapas do processo de conversão, desde o momento da crise até a consolidação do discurso religioso, no qual a personalidade passa pelo abandono da linguagem anterior e alcança a expressão cognitiva da nova linguagem assimilada.

Palavras-Chave: Religião; Conversão; Desejo; Linguagem; Rubem Alves.

Abstract

In this article, we propose the presentation of the concept of religion as outlined in Rubem Alves' theological thought, as well as the exploration of his understanding of the conversion process. To this end, we will undertake the understanding of religion from the perspective of the body in Alves' theology, as well as from his humanist approach. Then we will outline the stages of the conversion process, from the moment of the crisis to the consolidation of the religious discourse, in which the personality passes through the abandonment of the previous language and reaches the cognitive expression of the new assimilated language.

Keywords: Religion; Conversion; Desire; Language; Rubem Alves.

⁴⁰ A primeira versão deste artigo foi apresentada como trabalho de conclusão de curso para o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sendo requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

INTRODUÇÃO

A religião é um tema recorrente em nossa sociedade e está sempre presente no cotidiano de cada ser humano. Contudo, ao buscarmos uma compreensão do que seja o fenômeno religioso e sua dimensão conceitual, colocamo-nos diante de um trabalho árduo e complexo, sendo difícil delimitar uma univocidade de sua definição. Segundo Rivière, “por clara que nos pareça a ideia de religião, a definição do religioso permanece dificultada por não haver um acordo quanto aos seus critérios” (RIVIÈRE, 2013, p. 21).

Diante de tal desarmonia, Greschat afirma que “o fato de não possuímos uma definição universal de religião é um defeito, mas não uma catástrofe, uma vez que o objeto permanece e a qualidade de palavras inventadas ou a serem inventadas atinge o objeto apenas marginalmente” (GRESCHAT, 2005, p. 21).

Pensadores procuraram uma melhor delimitação do termo, visando alcançar uma atribuição ao fator religioso. Rivière evidencia este esforço:

[...] No curso dos séculos de exploração do mundo, a religião foi entendida como o conjunto de cultos e crenças, de atitudes mentais e gestuais, devocionais e orientadas por concepções de um além. Para os que são estranhos a um sistema, é, sobretudo pela sua expressão prática, que as religiões se caracterizam, ou seja, pelo culto, conjunto de condutas fortemente simbólicas para a coletividade e reunião de relações que unem o homem a uma realidade que ele tem por superior e transcendente. Porém, trata-se, ainda, de um modo de falar aproximativo, indicando, com dificuldade a incessante busca humana de algo inacessível que só pode se objetivar através da fé. (RIVIÈRE, 2013, p. 21)

Com o intuito de contribuir com a compreensão de religião e desenvolver uma pequena reflexão a respeito do tema, buscaremos, por meio das lentes de Rubem Alves, analisar as principais construções e ideias apresentadas em algumas de suas obras. Obras que não buscam um fim conceitual para a religião, mas a percepção das causas de sua existência e os meandros de suas aspirações.

Procuraremos elucidar também o que Alves concebe como processo de conversão para uma linguagem religiosa, precedida por uma crise de sentido e pela experiência emocional do converso, caracterizando a adesão a novas concepções de mundo.

No primeiro tópico, apresentaremos os movimentos da teologia de Rubem Alves por meio das releituras de obras como *Dogmatismo e tolerância* (2004), *O enigma da religião* (1975), *O que é religião* (2005) e *Religião e repressão* (2020), entendendo pormenorizadamente o que o autor afirma ser a religião. Alves parte de uma teologia do corpo, com seus alicerces pautados no desejo, na imaginação e na esperança, caracterizando a religião como uma “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa transubstanciar a natureza” (ALVES, 2005, p. 22).

No segundo tópico trabalharemos a ideia de conversão na teologia de Alves, discriminando o fenômeno em três desdobramentos centrais. O primeiro se caracteriza pelo momento de crise, marcadamente reconhecido pela desconstrução e abandono da linguagem anterior. Posteriormente, aparece o momento de caos, onde o indivíduo é lançado na desintegração de seu mundo e na perda de sentido. Por fim, o momento de conversão, proveniente da adoção de uma nova linguagem capturada pela experiência, apresentando-se em consonância com as necessidades cognitivas do ser humano e admitindo um novo discurso.

RELIGIÃO

Em sua reflexão autobiográfica, presente em *O enigma da religião* (1975), Alves retrata que “a religião é a memória de uma unidade perdida e a nostalgia por um futuro de reconciliação” (ALVES, 1975, p. 5). Tal frase caracteriza, essencialmente, todo o desenvolvimento e construção de seu pensamento sobre a religião. Pensamento que não é regulamentado pela objetivação científica, mas pelo anseio de interpretar os aspectos da condição humana que fomentam essa teia simbólica e a exigência que a vida tenha sentido.

O autor estabelece o corpo como ponto de partida de sua teologia, pois é a partir do corpo que o ser humano procura significado para a vida, e é nele que poderemos compreender essa necessidade de significado e busca de transcendência.

Portanto, Alves não percebe a religião por meio de uma perspectiva cientificista, nem mesmo como fenômeno proveniente de grupos sociais restritos, mas propõe uma perspectiva compreensiva da religião, fazendo uso das contribuições dos autores que se propuseram a entender o fenômeno religioso, como Sigmund Freud, Émile Durkheim, Ludwig Feuerbach e Karl Marx. Contudo, essas abordagens de estudo e as conclusões são repensadas de forma crítica e ressignificadas.

Ao dialogar com esses pensadores, Alves evidencia sua crítica ao realismo epistemológico de suas conclusões e se utiliza, ainda mais fortemente, de sua crítica para com o realismo cientificista, posicionando-se para perceber a religião mais próxima da experiência pessoal, como ciência de nós mesmos, como um espelho que reflete nossos sonhos mais íntimos, pois “a religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão aberta dos seus segredos de amor” (ALVES, 2005, p. 13).

Isso se torna mais claro ao pensarmos a relação do corpo com o real, sujeito às ordens que regem a realidade, onde os animais apresentam suas ações condicionadas pelos instintos herdados de seus antepassados e sua experiência limitada diante da existência. Os animais adaptam suas ações através das informações que sua consciência capta do mundo real e exterior ao seu corpo, tendo, desta forma, a sua experiência restringida aos estímulos do mundo exterior que se organiza em torno de seu corpo, agindo segundo a lei natural que seus antepassados lhes impõem. Eles adequam-se ao mundo exterior e adequam o mundo ao redor de si por meio da sabedoria que foi gravada em seu corpo, de geração em geração, para que possam sobreviver.

Porém, a organização em torno do corpo do homem é muito mais complexa. Pelo fato de “[...] os homens se recusaram a ser aquilo que, à semelhança dos animais, o passado lhes propunha” (ALVES, 2005, p. 17).

Diferente dos animais, o homem não responde apenas às suas capacidades inatas, onde os impulsos do corpo não determinam suas ações, nem suas respostas são imediatas à programação biológica. Ele se recusa a ser apenas o seu corpo, pois

é ele mesmo quem faz e manipula o seu corpo, visto que, “em oposição ao mundo, o imperativo reina da sobrevivência reina supremo, o corpo já não tem a última palavra” (ALVES, 2005, p. 17).

É fato que o ser humano dispõe desta ‘programação biológica’, mas ela não coordena suas ações perante o mundo, pois detém um reduto que recusa o veredito da realidade, aplicando suspeição entre o real e o possível. O homem, diferente dos animais, percebe a realidade através da recusa de adaptar-se a ela, porque “o homem, é assim, um ser dividido. Se a sua consciência lhe diz como é o mundo, esta mesma consciência se recusa a sacralizá-lo” (ALVES, 1975, p. 46).

Desta maneira, o ser humano, ao suspeitar que os limites do ideal não correspondam aos limites do real e não aceitar a ordem instaurada pela realidade, passa a se apropriar da imaginação⁴¹ como construtora de um mundo de sentido, regente de um universo que atenda a seus valores e a sua necessidade de significação, atribuindo significado à vida e substituindo qualquer impulso provido na voz da sabedoria do corpo, “[...] porque o corpo, ele mesmo, foi transformado de entidade da natureza em criação da cultura.” (ALVES, 2005, p. 18).

O corpo deixa a sua melodia biológica e torna-se fruto dos mundos que o ser humano criou. Mundos que caracterizam a constituição criadora da imaginação que Alves testifica:

Através do poder mágico da “onipotência do pensamento” o homem, das profundezas de sua impotência e das alturas de suas paixões, tece um mundo verbal que afirma e confirma os seus valores. E este novo mundo, assim constituído, passa a ser a “gratificação substitutiva”, o novo mundo de felicidade que compensa as frustrações e sofrimentos contidos na realidade. (ALVES, 1975, p. 6)

⁴¹ Alves salienta que a imaginação, aqui citada, não se dá em sentido pejorativo como grosseiramente pensamos e somos ensinados desde a infância, atribuída a algo que é falso e passível de exclusão por seu teor enganoso. Imaginação, no pensamento teológico de Alves, “é a forma fundamental de operação da consciência humana” (ALVES, 1975, p. 15), meio pelo qual as intenções que habitam nos lugares mais profundos da personalidade do homem são reveladas, reconhecendo-a como algo essencial e fundamental em todos os indivíduos. Se tomarmos todas as coisas existentes somente pelos fatos ou por uma visão puramente objetiva, nada poderia ter sido criado, pois “nenhum conhecimento poderia jamais arrancá-los da natureza. Foi necessário que a imaginação grávida para que o mundo da cultura nascesse” (ALVES, 2005, p. 31).

O homem tece novos mundos através da imaginação, substituindo o mundo desconhecido e factual da realidade por um mundo consonante com os seus ideais.

Por meio de sua insatisfação, o indivíduo atua em um processo de ‘humanização’ do mundo natural, que atende ao seu anseio de significação, proclamando seus valores no lugar dos fatos, transformando-os em realidades e trazendo a existência daquilo que não existe. O mundo mágico de sua imaginação torna-se a sua nova realidade.

A imaginação, desta forma, não trabalha em função de decorrências da racionalidade, mas atua diante da necessidade de garantir a sobrevivência do homem por meio da invenção de instrumentos valorativos, para que toda a natureza do real seja transformada em significação e extensão de seu corpo, fazendo isso de acordo com sua vontade, seguindo os princípios do prazer e buscando atender às objeções do desejo.

Alves afirma que o homem é um ser de desejo, pois o “desejo pertence aos seres que se sentem privados, que não encontram prazer naquilo que o espaço e o tempo presente lhes oferecem” (ALVES, 2005, p. 20). Sendo assim, o desejo é fruto das ausências e privações que são geradas da falta de prazer diante do real, onde a imaginação cria um mundo para objetivar os valores de sua consciência, constituindo o que é desejado e desenvolvendo essa nova realidade, de acordo com a sua imagem e semelhança. Este processo constitui um universo de valores, reconhecido por Alves como cultura.

Sob a tutela da cultura e seguindo os princípios valorativos que ela evoca, o ser humano passa a viver segundo os mecanismos que esse universo de significação lhe concede, não sendo ele seu corpo, mas o seu corpo passa a ser criação da própria cultura, estando amarrado às teias de significado que ele mesmo teceu.

Todavia, “a volta do jardim está sempre o deserto que eventualmente o devora, a *ordo amoris* (Scheller) está cercada pelo caos [...]” (ALVES, 2005, p. 21, grifos do autor), já que a intenção do ato cultural, que se dá em busca um mundo de

amor e prazer pela qual a imaginação tem anseio, torna-se impotente perante a brutal realidade, fracassando ao deparar-se com os fatores indesejados.

Diante deste impasse, o homem tende a resistir somente com o amparo da esperança, pois “enquanto o desejo não se realiza, resta cantá-lo, dizê-lo, celebrá-lo, escrever-lhe poemas, compor-lhe sinfonias, anunciar-lhe celebrações e festivais. E a realização da intenção da cultura se transfere então para a esfera dos símbolos” (ALVES, 2005, p. 22).

O símbolo, segundo Alves (2005), assemelha-se aos horizontes que nos cercam e nos rodeiam, mas permanecem sempre distantes, nos mostrando somente por onde caminhar. São os mesmos horizontes dos quais o homem se apropriou no ato de criação da cultura, mas que, a partir do fracasso dela, passa a valer-se destes símbolos para representação do ideal inalcançado. Tais símbolos carregam suas ausências, testemunham suas esperanças e integram a saudade de coisas que ainda não nasceram, sendo porta-vozes da esperança de encontrar um mundo em que possa sentir-se amado.

O homem, com o intuito de transcender a realidade que o cerca, se utiliza dos símbolos e da atuação de seus significados transponíveis, para tornar o mundo conhecido a partir de sua ressignificação, reestruturando os valores na evocação da esperança, apontando que existe algo pelo qual se possa lutar e trazendo sentido existencial ao ser humano. Nos símbolos, os homens pendem o seu destino, pois carregam o poder de conectar mundos e de reaver a realidade mediante os anseios do desejo.

A religião nasce desta contradição de viver a paixão infinita em um mundo determinado, partindo da esperança de transcender, enquanto sobrevivo ante a realidade, de buscar amor perante a fatalidade da dor, da injustiça e da morte. É onde o sonho da mente humana projeta-se através da esplendorosa luz da imaginação e não por meio da ríspida realidade. No momento em que os símbolos são as sementes de desejo e esperança, pelas quais germina um universo que determina ordem e sentido à sua existência.

Nessa perspectiva, a religião é esta rede de desejos, uma pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza, a voz de uma consciência que não consegue descansar diante da facticidade bruta da realidade e que carrega o projeto utópico do ego de busca à transcendência, movido essencialmente pela onipotência do desejo e sua exigência de humanização do mundo.

Em suma, a religião se apresenta como um tipo de fala, um discurso, um universo que se integra a esta teia de símbolos, instituído pelo desejo e constituído pela imaginação. Este universo, que estrutura as relações existenciais entre o ser humano e seu mundo, atua em sua forma simbólica e media-se através da linguagem.

A linguagem é a tradução da dimensão significativa que a religião constitui, sendo o instrumento responsável por estabelecer a mediação de uma relação homem-mundo. Ela esclarece como o homem vive em relação a este mundo, por meio da interpretação de sua experiência e por meio do discurso pelo qual o ser expressa suas emoções.

Para Alves (2005), a linguagem tem o papel de explicar o mundo dos símbolos, sendo ela que preserva e provê, por atuação de sua estrutura, a comunicação entre os participantes de determinado grupo, transmitindo o universo de sentido para as próximas gerações que organizarão suas vidas a partir dela.

LINGUAGEM

Para compreender as decorrências da linguagem religiosa, Rubem Alves faz uso de uma análise mais pormenorizada, presente na obra intitulada “Religião e Repressão”.⁴² Este livro nasce de uma fase de produção na qual Alves se preocupa em interpretar a linguagem que alicerça o protestantismo, “descrever os grandes

⁴² Obra originalmente intitulada como “Protestantismo e Repressão”, publicada em 1979. Foi republicada, em edições posteriores, com o título “Religião e Repressão”, alteração realizada pelo próprio Rubem Alves, pois acreditava que “as conclusões deste livro transbordam os limites do protestantismo e podem ser aplicadas a outras religiões” (ALVES, 2020, p. 19).

temas do discurso protestante, sua visão de mundo, sua compreensão do homem, sua teoria do conhecimento” (AVES, 2020, p. 49).

O pensamento de Alves parece reforçar que a linguagem é a expressão e a luz das emoções que integram o discurso, apresentando-se sempre como interpretação e instrumento de mediação entre o homem e seu mundo, onde os objetos e a emoção se fundem ao falar do sujeito, expondo o que mundo significa para ele.

Sendo esse falar vital e emocionalmente ligado ao sujeito, a sua interpretação aparece como reflexo no mundo, proveniente do seu ponto de vista, das suas verdades e essencialmente de suas projeções. Este unifica o mundo e a sua personalidade em um todo significativo, adequa a realidade para a organização do seu comportamento, afirmando-se detentor de previsões dos acontecimentos futuros e colocando-se diante de um mundo conhecido, que mantém sua personalidade segura de qualquer margem de dúvida.

Isto se determina no momento em que o sujeito assume a linguagem que lhe é apresentada como resposta, servindo de sustentação para as suas necessidades emocionais. Esse processo ocorre no momento em que “o centro quente do discurso revela o ponto em que ele se articula com o centro quente da personalidade” (ALVES, 2020, p. 67).⁴³

O mundo adotado na linguagem tende a apresentar sempre uma consonância com as exigências emocionais da personalidade, pois “o mundo sobre que falo e a que me refiro por meio de minha linguagem é o mundo que gira em torno dos meus valores, um mundo que deve sustentar os meus valores [...] sou impulsionado pela dinâmica inconsciente do ego que busca um mundo que meus valores sejam plausíveis [...]” (ALVES, 2020, p. 68).

Sendo assim, a interpretação, integrada na linguagem, estabelece a relação homem-mundo e aponta para um todo significativo, ocorrendo a partir de uma

⁴³ Afirmações do autor realizadas mediante uma reflexão das contribuições do psicólogo e filósofo William James, presentes na obra “The Varieties of Religious Experience”, publicada em 1958.

articulação de sentido, de uma estruturação das projeções que foram alinhadas às introjeções sofridas pela personalidade. O mundo em que a personalidade se lança foi antes um mundo que ela própria recebeu e acolheu, onde a linguagem se apresentou como resposta às suas necessidades emocionais, e foi bem recebida por elas para nortear tal personalidade.

A linguagem se determina como mantenedora dessa relação, enquanto faz a realidade permanecer inquestionável, garantindo segurança à personalidade. Ela é reconhecida por Alves como um mapa de caminhos e organizadora arquetípica do real, cumprindo o papel de reduzir “a imensa pluralidade da experiência a uma série limitada de categorias e conceitos que tornam possível a sua manipulação teórica e prática” (ALVES, 2020, p. 65).

Entretanto, a permanência de uma linguagem depende de sua funcionalidade, ou seja, se ainda não fizemos perguntas sobre a sua veracidade, ela permanece funcionando perfeitamente bem, pois enquanto esse universo de sentido se apresentar como o microcosmo único e infinito para o seu habitante, ele se mantém eficiente para conceber o que é desejado.

Segundo Luckmann e Berger:

A validade do meu conhecimento da vida cotidiana é pressuposta por mim e pelos outros sem questionamentos, até o momento quando aparece um problema que não pode ser resolvido nos seus termos. Na medida em que o meu conhecimento funciona satisfatoriamente, estou geralmente pronto a suspender dúvidas a seu respeito. (LUCKMANN; BERGER, 1966 apud ALVES, 2004, p. 37)⁴⁴

A partir dessa possibilidade de desestruturação da linguagem, Alves afirma que o homem, habitante do mundo da linguagem, ao deparar-se com esse problema que não pode ser resolvido, “[...] pode abandonar um mundo para emigrar para outro. Ele se converte” (ALVES, 2004, p. 32).

⁴⁴ Citação realizada por Alves a partir do tratado de Thomas Luckmann e Peter L. Berger, intitulado “The social construction of reality”, publicado no ano de 1966.

O DRAMA DA CONVERSÃO

CRISE

A linguagem e seu esquema interpretativo do mundo, ao entrar em colapso no momento em que não tem respostas cabíveis aos problemas que lhe são impostos, passa a apresentar sua relação harmônica com o homem e seu mundo. Antes, ela era provedora do prazer de um universo ordenado; agora, se vê diante de indagações que os antigos meios interpretativos são incapazes de resolver. Suas verdades, que eram fontes para o comportamento e formadoras de sentido, deixam de funcionar adequadamente.

Consequentemente, esta linguagem, não conseguindo mais atender às exigências da consciência e deixando de ter as funcionalidades práticas que respondiam às necessidades providas do desejo, torna-se inapta e desestruturada, perdendo a sua unificação do mundo com as expectativas anteriormente estabelecidas pela personalidade.

Contudo, Alves afirma que as perguntas causadoras de tal desestruturação da linguagem não se apresentam tão claramente, mas podem ser apontadas como algo resultante de processos marcantes, como as crises pessoais, bruscas mudanças sociais e demais razões das quais provenham o poder de gerar crises no aparato interpretativo e significativo dessa linguagem, fazendo com que “nessas situações o conhecimento do mundo se torne problemático” (ALVES, 2020, p. 69).

Com a crise da relação homem-mundo, o esquema de valores que tornava o mundo significativo deixa de existir, dando lugar a um mundo sem sentido, que não integra mais um cosmos sincrônico dos sistemas de significados com a personalidade. Ao invés disso, coloca o homem diante dos fatos da realidade, onde a morte, enfermidades e fracassos não foram previstos pelo aparato interpretativo e são declarados como inassimiláveis.

É importante ressaltar que essa desestruturação não é originária da dor. Isso pode ser percebido nos seres humanos que tiveram contato com ela, pela razão de

não apresentarem sua personalidade abalada por experimentá-la, mas que, diante da dor, se puseram a compreendê-la de forma significativa, crendo que as circunstâncias do presente não obscurecem o sentido que sua vida carrega.

Sendo assim, a própria dor passa a ser um elemento que corrobora para a glória que o futuro lhes reserva, estando eles convictos de seus valores e acreditando na retribuição de uma realidade que os assola.

O mártir, o profeta e o revolucionário são capazes de experimentar a dor sem que ela destrua a sua personalidade porque eles creem que, de alguma forma, a própria realidade está a seu favor e que, se seus valores parecem fracos no presente, o futuro revelará o seu triunfo. (ALVES, 2020, p. 70)

Em contrapartida, a crise apresenta um sentimento de impotência, onde a personalidade não tem mais as perfeitas convicções diante da impossibilidade teórica desta linguagem. As verdades se dissolvem diante da desintegração da unidade de seu universo e o mundo perde todo seu sentido, deixando de ser instrumento de suas intenções.

Logo, a crise emocional se instaura, e com ela o vazio que faz o homem não se sentir em casa, tendo que lidar novamente com os fatos da realidade objetiva.

Agora, todas as operações da realidade o contradizem e contrapõem o seu universo, que outrora atendia os anseios do seu desejo, se torna autônomo, estranho e totalmente hostil.

CAOS

Nesta nova realidade, marcada pelo colapso dos sistemas de significação e suspensão do poder para dar nomes às coisas, o caos emerge na personalidade. O homem perdeu totalmente o cosmos, o mundo que atendia a sua necessidade de sentido, organizando o seu comportamento, desapareceu. A realidade passa a ser totalmente dissonante com as projeções de sua consciência e a coloca em conflito com o desconhecido, não sabendo mais como agir diante tal perplexidade.

Alves afirma que “[...] seria intolerável para a lagarta ouvir que sua folha é efêmera e diminuta, e que, fora dela, há espaços infinitos e bilhões e bilhões de sóis!” (ALVES, 2004, p. 34), pois é esse mesmo sentimento que se manifesta para o homem no momento em que a personalidade se vê atormentada pela desarmonia com a realidade, diante do confuso e imensurável, onde suas emoções não têm mais importância perante a imensidão do real, provocando o que Alves chama de “ansiedade” (2020, p. 74).

O homem não sabe de fato o que é a ansiedade, pois esta se revela a ele como uma experiência cega, imprecisa e inominável, sendo somente a marca de seu problema existencial, conduzindo-o a nomear a dúvida e a angústia como guias de suas indagações.

No entanto, é através da crise emocional que nasce a possibilidade de conversão, sendo crescente a necessidade de significação em mundo indiferente a suas demandas emocionais. E através da ansiedade, mesmo sendo a emoção que surge quando o cosmos desaparece, torna-se o meio pelo qual a consciência questiona o sentido da vida e trabalha a subjetividade diante das emoções que lhe são recorrentes. É por meio da ansiedade que a consciência gera uma necessidade de compreender a realidade, de formular perguntas que conduzam às devidas respostas de suas dúvidas de suas emoções, e, a partir disso, reestruturar novamente um mundo de sentido sobre o caos agora instaurado.

Tal busca da unidade, que um dia foi perdida, é inaugurada quando essa consciência, em meio ao seu impasse emocional, se dispõe a recolocar a subjetividade ante a desordenada realidade, no intuito de compreendê-la.

O homem, portanto, dedica-se a reaver o sentido perante a realidade e encontrar aquilo que responda à sua necessidade profunda de ordem, colocando-se “diante da primeira tarefa necessária à conversão: dar nome à ansiedade, colocar a subjetividade ante um objeto” (ALVES, 2020, p. 74).

Ao nomear a ansiedade, essa emoção se torna organizável, manipulável e erradicável, a partir da construção de uma racionalidade em torno daquilo que não se fazia apreensível pela consciência e, desta forma, irracional.

É por conta deste esforço da consciência, ao ter anseio de ressignificação em meio ao caos e de retomar o cosmos por meio da identificação da ansiedade. É onde percebemos a religião como sendo o intento do homem em encontrar sentido no que muitas das vezes é destituído, buscando atribuir significação àquilo que ele experimenta na ansiedade. Ou seja, a explicação religiosa se prontifica a interpretá-la, aplicando sentido a esta experiência e também apontando suas devidas causas.

Segundo Alves, “a conversão se inicia quando o homem, prisioneiro de suas emoções, aceita os nomes que lhes são dados pela comunidade religiosa que lhe dirige a palavra” (ALVES, 2020, p.74).

Isto ocorre, pois a personalidade, na finalidade de compreender esse anseio e de reestruturar o seu mundo, inicia a busca de um sistema de significação que seja capaz de explicar e ordenar as emoções esparsas dessa ansiedade. Ou seja, se põe a procurar uma linguagem assimilável às necessidades da matriz emocional de sua personalidade, onde se apresentam a ele novos esquemas interpretativos, distintos dos presentes anteriormente à crise, dos quais possam atender às inquietantes indagações que a ansiedade dispõe.

E é nesta intenção da personalidade de encontrar significação para a sua realidade por meio da adoção de uma nova linguagem, que se definirá a conversão.

CONVERSÃO

Ao localizar uma linguagem que apresenta um esquema significativo pelo qual possa articular os anseios de sua matriz emocional, o homem passa a adotar essa linguagem como seu discurso de significação, onde os céus e a terra passam a atender os seus valores. O caos da inconsistência, que se fazia notório em sua relação com a realidade, dá lugar a um cosmos perfeitamente organizado, a um

universo puramente orquestrado e a um mundo significativamente ordenado, provido pelo discurso com que foi atribuído contato na recente experiência emocional do homem com o discurso adotado no processo de conversão.

A partir desta experiência com o discurso de sentido que lhe é apresentado, a personalidade passa por uma metamorfose, sendo reorganizada e reestruturada em consonância com os valores que foram experimentados na nova linguagem e que se tornam respostas aos anseios manifestos na ansiedade.

Isto faz com que a percepção da realidade volte para sua forma harmoniosa, transformando as emoções dissonantes do momento de crise em emoções que ressoam satisfatoriamente no novo mundo de significação, onde “este novo mundo, assim constituído, passa a ser a ‘gratificação substitutiva’, o novo mundo de felicidade que compensa as frustrações e sofrimentos contidos na realidade” (ALVES, 1975, p. 6).

Alves ainda complementa que esta ‘gratificação substitutiva’, muitas das vezes, mas não exclusivamente, é a religião.

Em síntese, o pensamento de Alves evidencia que a conversão é este momento de nascimento, em que o indivíduo revela um novo falar através da adoção uma nova linguagem, na medida em que ela faça sentido e resulte no restabelecimento da relação homem-mundo, reconstruindo a ordem interpretativa de seus valores que foi perdida na relação com a linguagem anterior.

Por meio do que podemos chamar de experiência da conversão, a consciência passa constituir um processo de assimilação do sofrimento proveniente do novo discurso que é incorporado, reinterpretando o mundo e resolvendo os impasses emocionais que sua relação direta com a realidade apresentava.

Este desenvolvimento de Alves é o ponto essencial para compreensão do processo de conversão da linguagem, onde aponta inicialmente para a conversão ao discurso protestante, mas que claramente se evidencia na adoção de outros tipos de linguagem, fato reconhecido pelo próprio autor em edições posteriores de “Religião e Repressão”.

A sua elucidação aponta primeiramente para esse viés emocional da conversão, chegando posteriormente ao seu avanço para o discurso cognitivo, pois “para se entender a religião é necessário começar de uma experiência emocional que antecede sua articulação racional” (ALVES, 2020, p. 64).

Ainda no momento emocional da conversão, constata-se que “o converso não está consciente de um objeto divino, exterior a ele, mas sim do caráter divino dos seus próprios sentimentos” (ALVES, 2020, p.99), pois a experiência emocional presente na conversão é vazia de conhecimento e de compreensão sistemática do discurso religioso adotado. O converso só passa a falar de forma diferente porque está envolvido em todo êxtase emocional gerado na experiência de sua nova condição. Contudo, a personalidade, neste estágio, ainda se apresenta incapaz de desenvolver uma articulação lógica da linguagem, sendo sua experiência totalmente tomada por um discurso confessional e expressivo.

O homem, agora dentro da condição de recém-convertido, encontra-se diante do maravilhoso, mas, ao mesmo tempo, misterioso, mantido sob o fascínio de um novo mundo que ressignifica suas emoções, manifestando a metamorfose de sua alma mediante o encanto dos sentimentos por ela experimentados. Porém, esse discurso emocional do converso ainda aparece totalmente destituído de ideias sobre a realidade externa e desintegrado de uma cosmovisão, onde ele ainda não enuncia os pensamentos, mas somente canta os seus sentimentos.

No infinito da paixão subjetiva, expressa-se a verdade, entoada pela voz das emoções. Porém, o converso ainda não se consegue dispor de garantias e validades que possam surgir das iniciais experiências que a instituem, colocando o homem em um grande paradoxo entre verdades e inconsistências, porque “descobre que sua certeza subjetiva não dispõe de evidências objetivas sobre que se assentar” (ALVES, 2020, p. 100).

O recém-convertido agora emerge do êxtase emocional com o propósito de alcançar formas lógicas de compreender todas as afirmações substanciais de suas

emoções em contato com o discurso admitido, conduzido pela necessidade vital⁴⁵ de compreendê-las como verdadeiras e atribuir a elas vestes da plausibilidade lógica.

Desta maneira, trabalhando a racionalidade em função das emoções religiosas, o sujeito procura solidificar uma organização sistemática em sua linguagem, mesmo não conseguindo conter totalmente a experiência primordial, pois a fé está além do que pode apresentar a cristalização de uma linguagem absoluta.

Não obstante, ele se dispõe a expressões verbais pela necessidade de estabilidade do mundo, porque a dúvida, mesmo sendo uma das dimensões da fé, precisa ser dissolvida e obscurecida.

O autor afirma que “é justamente esta necessidade emocional que se constitui na origem de nossa tendência dogmática” (ALVES, 2020, p.103), pois é por meio dela que a fé se transforma em dogma, o palpite se torna verdade e a incerteza dá lugar ao conhecimento absoluto.

Atingida tal estabilidade, a personalidade agora pode organizar e manter seu comportamento seguro em torno de suas certezas, onde o mundo, não sendo mais uma surpresa, está solidificado pelo seu discurso cognitivo, pelas suas articulações metafísicas e pela sua lógica. O discurso cognitivo, promovido pela sua cosmovisão, passa a ter o intuito de dominar intelectualmente o real e subordiná-lo ao controle de sua linguagem.

Uma vez que o comportamento é organizado nos alicerces desse discurso cognitivo, é estritamente necessário que todas as mediações com as incertezas sejam eliminadas, não permitindo que suas verdades sejam acometidas pela dúvida, nem mesmo que a autoridade destas verdades seja questionada:

Eu tenho a verdade. Meu pensamento reduplica o real. Portanto, o real não pode, no futuro, revelar-se como sendo diferente da forma como eu vejo agora. Minha visão do real, como conhecimento absoluto, exige

⁴⁵ Rubem Alves faz referência a Paul Ricoeur, autor que chamou esta necessidade vital de “desejo pelo infinito” (2020, p. 104), o qual é coordenado pela infinitude do próprio desejo. Este desejo pelo infinito impulsiona o homem em busca da determinação de suas verdades perante a realidade da vida.

que todas as experiências possíveis a confirmem. [...] A experiência não é o critério do meu pensar. Ao contrário, o meu pensar se constitui no critério de todas as experiências possíveis. (ALVES, 2020, p. 105)

Como consequência, o discurso passa a negar o caráter provisório do conhecimento, afirmando ser detentor da verdade absoluta e inquestionável sobre a realidade.

Circunstância pela qual Alves (2020) estabelece sua crítica ao que chamou de Protestantismo de Reta Doutrina (PRD)⁴⁶, uma linguagem de caráter dogmático e intelectualmente compacta presente no discurso protestante e que aponta para um pensamento incontestavelmente reconhecido como conhecimento absoluto, infalível e divino.

Segundo Alves, a obsessão pela verdade absoluta é uma tendência universal, algo que assola o ser humano por meio do desejo de transcender a existência, em que todas as suas buscas incansáveis por esta verdade se apresentam como possíveis variações da tentação original presente no mito bíblico da queda:

Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. (Gn 3.4-5, NAA)

Desta forma, a tendência dogmática não se apresenta somente no discurso protestante, mas também se manifesta nas mais diversas formas de expressão da verdade inquestionável pelo ser humano, ou seja, em qualquer lugar onde exista uma linguagem que afirme ser detentora de certezas, estará destinada ao autoritarismo e à intolerância do discurso dogmático.

⁴⁶ Protestantismo de Reta Doutrina ou PRD é o nome dado por Alves (2020) à afirmação de ‘tipo ideal’ de discurso protestante, o qual se caracteriza com um discurso que se baseia em construções doutrinárias colocadas como expressões absolutas da verdade. Tais verdades absolutas devem ser inquestionáveis e reafirmadas sem sombra de dúvidas. Sobretudo, embora seja um fenômeno estudado por Alves no contexto do discurso protestante, o termo pode ser pensado mais especificamente a respeito da obsessão com a verdade, não sendo exclusivamente típico somente do protestantismo, mas presente também em outros discursos religiosos e ideológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desses desenvolvimentos, podemos afirmar que o pensamento de Rubem Alves rendeu grandes contribuições para a compreensão de religião, pois o teor de sua reflexão não se ocupa apenas em explicar a religião como um fator inteiramente social, tampouco se deteve nos seus desenvolvimentos nas projeções de um mundo sobrenatural.

Na verdade, a análise que Rubem Alves faz da religião evidencia-se por uma perspectiva mais compreensiva, onde sua essencial preocupação de sua compreensão é entender a religião como uma linguagem de protesto do corpo humano, pautada pela imaginação, em que a consciência vive em um cosmos ordenado, envolto por suas teias de significado, em vez do teor factual da realidade.

O pensamento de Alves nos conduz a perceber que a religião é linguagem criadora de sentidos para a vida, é religião como linguagem da esperança e é religião como desejo do corpo que, pela imaginação, dialeticamente nega o real e afirma o possível.

Procuramos também, neste trabalho, dar um destaque especial ao processo de conversão, pois ele é a expressão maior da consciência religiosa. Como vimos, a linguagem é construtora de mundos e ressignificadora da vida. É por meio dela que o homem encontra respostas para as suas necessidades emocionais e é nela que a personalidade se mantém segura diante da realidade, fazendo com que o mundo se torne organizado e manipulável em favor dos seus valores.

Nesta busca pelo absoluto, o ego tende a construir gaiolas que restringem os seus próprios voos em troca da segurança de uma ordem dogmática, onde essas gaiolas tornam-se o mundo efetivo das verdades inquestionáveis.

Contudo, a crise se instaura na personalidade no momento em que este mundo, organizado e absoluto, é invadido por problemas que a linguagem não é capaz de responder. E quando esta linguagem passa a ser incapaz e desestruturada, a personalidade passa a se sentir impotente diante da realidade e perde sua integração com um universo de sentido.

Vimos que isso estabelece o caos na personalidade, onde a ansiedade se manifesta diante dos problemas existenciais incitados pelo colapso de suas significações. Entretanto, é por esta mesma ansiedade que o homem volta a indagar o sentido da vida, procurando dar nomes às suas emoções, transformar a sua realidade e atribuir novamente uma ordem por meio de uma nova linguagem que lhe apresenta como detentora de respostas, atendendo aos seus essenciais questionamentos.

É nessa ocasião que se conclui a conversão, momento em que a personalidade passa por uma metamorfose por intermédio da sua experiência com a linguagem recém-adotada, sendo reestruturada e ressignificada pela integração com este novo mundo, gerando significação diante de seus valores e trazendo ordem e sentido à sua existência.

Neste contexto, chegamos à conclusão de que a reflexão de Rubem Alves sobre a religião e sua análise do processo de conversão têm o potencial de expandir nossa percepção em relação ao fenômeno religioso. Por suas lentes, rompemos os limites de pensar as religiões como gaiolas que nós mesmos construímos e pensá-las como as asas do desejo de um corpo destinado à liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. Dogmatismo e Tolerância. São Paulo: Editora Loyola, 2004.
- _____. O enigma da religião. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.
- _____. O Que é Religião? 6ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005.
- _____. Religião e Repressão. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020.
- BÍBLIA. Gênesis. Português. In: Bíblia de Estudo NAA. Tradução Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. O que é ciência da religião? Tradução Frank Usarski. São Paulo: Editora Paulinas, 2005.
- RIVIERE, Claude. Socioantropologia das religiões. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2013.